

Evidencialidade e conformidade no português brasileiro

Evidentiality and Conformity in Brazilian Portuguese

Marcos Luiz Wiedemer¹
Myllena Paiva de Oliveira²

Resumo: Este artigo investiga a relação entre conformidade e evidencialidade no Português Brasileiro (PB), à luz da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU). Partindo da concepção de evidencialidade como categoria que indica a fonte da informação, argumenta-se que construções conformativas integram o conjunto de estratégias evidenciais disponíveis no PB. O estudo focaliza os seguintes esquemas: [Segundo X], [Para X], [Como X], [De acordo com X], [Com base em X], analisadas a partir de dados sincrônicos extraídos de textos da revista *Superinteressante* (2020-2021), *corpus* desenvolvido por Oliveria (2018). A análise demonstra que as construções conformativas não apresentam funcionamento homogêneo: enquanto alguns usos operam no plano sintático-semântico, introduzindo parâmetros internos ao evento (conformidade circunstancial), outros atuam no plano pragmático-discursivo,

estabelecendo ancoragem enunciativa e indicando a fonte do saber mobilizado (conformidade evidencial). Defende-se que tais diferenças refletem a organização em rede do *constructicon*, envolvendo relações de herança entre esquemas, subesquemas e microconstruções, e contribuem para a compreensão do continuum léxico-gramatical da evidencialidade no PB.

Palavras-chave: Conformidade. Evidencialidade. Língua Portuguesa.

Abstract: This article investigates the relation between conformity and evidentiality in Brazilian Portuguese (BP) through the lens of Usage-Based Construction Grammar (UBCG). Grounded in the conception of evidentiality as a category indicating the source of information, it is argued that conformative constructions are integral to the repertoire of evidential strategies available in BP. The

¹ Doutor em Estudos Linguísticos pela UNESP-Rio Preto), com estágio sanduíche na Erfurt Universität (Alemanha). Pós-Doutorado em Língua Portuguesa pela UFRJ. Atualmente é professor associado de linguística na UERJ e coordenador geral do PPLIN - Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística. Foi professor do Centro Sul-Brasileiro de Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação (CENSUPEG) de 2011-2013. É membro (pesquisador) do Grupo de Estudos Discurso Gramática (UFRJ) e do Grupo de Pesquisas Estudos Sociofuncionalistas - (UFMS) e juntamente com Manuela Correia de Oliveira (UERJ) lidera o Grupo de Pesquisa "Gramática de Construções e Interfaces Linguísticas" (UERJ/UFF/IFRJ/UFRR/UESB). Juntamente com Marcia dos Santos Machado Vieira coordenou o GT-Sociolinguística da ANPOLL (2018-2021). Foi membro do Conselho (Estudos Linguísticos) da ANPOLL (2018-2020/2023-2025) e foi Coordenador da Comissão - Linguística e Cognição - da Abralin (2020-2021). Foi membro do Corpo de Embaixadores da Olimpíada Brasileira de Linguística. Exerceu a função de Vice-presidente da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL) (2021-2023). Coordenador do Laboratório de Formação Permanente em Letras: ações coletivas, docência e ensino (LABLETRAS/UERJ). Procientista e Jovem Cientista do Nosso Estado (Faperj).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0924-1030>. E-mail: mlwiedemer@gmail.com

² Doutora e Mestra em Estudos da Linguagem (UFF); Especialista em Língua Portuguesa (UERJ) e Graduada em Letras (UFF). Atualmente desenvolve estágio de pós-doutorado na UERJ/PPLIN.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2083-9885>. E-mail: myllenaipav@gmail.com

study focuses on the following schemas: [According to X], [For X], [As X], [In accordance with X], and [Based on X], analyzed through synchronic data extracted from *Superinteressante* magazine (2020–2021), a corpus developed by Oliveira (2018). The analysis demonstrates that conformative constructions do not function uniformly: while some uses operate at the syntactic-semantic level, by introducing internal parameters to the event (circumstantial conformity), others act at the pragmatic-discursive level, establishing enunciative anchoring and specifying the

source of the knowledge mobilized (evidential conformity). It is argued that such differences reflect the networked organization of the construction, involving inheritance relations between schemas, sub-schemas, and microconstructions, thereby contributing to the understanding of the lexico-grammatical continuum of evidentiality in BP.

Keywords: Conformity. Evidentiality. Brazilian Portuguese.

Recebido em: 23/04/2026

Aceito em: 29/04/2026



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Introdução e contextualização

A evidencialidade é uma categoria por meio da qual o usuário da língua indica a origem da fonte de uma informação enunciada, seja ela decorrente da própria observação (perceptiva), de comunicação externa (reportativa), da própria reflexão (dedutiva) ou do ouvi-dizer/conhecimento prévio (inferencial) (Hengeveld; Hattner, 2015; Hattner, 2018; Haßler, 2021). Em algumas línguas, a marcação da evidencialidade é obrigatória e gramaticalmente codificada, porém, nas línguas românicas, como é o caso do português, não existem meios gramaticalizados evidenciais (Haßler, 2021).

Em Tuyuca e Jarawara, por exemplo, línguas indígenas, existem sufixos gramaticais para a marcação da evidencialidade (cf. Haßler, 2021). Nesses sistemas, a fonte da informação integra o próprio valor semântico da construção verbal, configurando-se como um traço morfossintático inerente à estrutura da oração. Hengeveld e Hattner (2015), ao analisarem um conjunto de 64 línguas indígenas faladas no Brasil, identificaram quatro subcategorias evidenciais recorrentes, demonstrando a centralidade tipológica desta categoria nessas línguas.

Em contraste, o português brasileiro (doravante PB) não dispõe de um sistema gramatical específico e obrigatório para a marcação dos diferentes valores evidenciais (Haßler, 2021). Em vez disso, a expressão da evidencialidade ocorre por meio de recursos

léxico-gramaticais e/ou discursivos (cf. Alvarez, 2023; Oliveira, 2023).³ Essa diversidade de meios expressivos sugere que os valores evidenciais não estão associados a uma única categorial gramatical, mas distribuídos em diferentes padrões de uso. Sob a perspectiva da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU), essa ausência de marcação obrigatória não implica a inexistência da evidencialidade, mas indica que os valores evidenciais emergem do uso por meio de construções léxico-gramaticais e discursivas, cuja interpretação depende da interação entre forma, significado e contexto. Assim, no PB, a evidencialidade manifesta-se em um *continuum* construcional.

No bojo de estudos sobre evidenciais no PB, diversos trabalhos demonstram o desenvolvimento de categorias específicas para a expressão dessa categoria. Entre elas, destacam-se as construções com “diz que” (Casseb-Galvão, 2001), o verbo “parecer” (Gonçalves, 2003, 2004), verbos de percepção (Vendrame-Ferrari, 2012), verbos performativos “prometer” e “ameaçar” (Lima, 2011) e a construção “quer ver” (Alvarez, 2023), evidenciando a variedade de recursos lexicais e discursivos mobilizados para indicar a origem e a validade da fonte de informação no PB.

Além dos estudos acima mencionados, no PB, destaca-se o estudo desenvolvido por Oliveira (2023) sobre as construções conformativas, como “segundo” e “conforme”, que podem ser acionadas para o papel evidencial. De acordo com a autora, ao operar simultaneamente como marcadores de conformidade e evidencialidade, essas construções permitem ao usuário da língua estruturar seu discurso, legitimar informações e orientar a interpretação do leitor, estabelecendo uma correlação entre fonte de informação, proposição e interlocutor.

Soma-se que a categoria dos conectivos conformativos expressa um “conteúdo gramatical, voltado para estabelecer relações textuais mais amplas, no nível sintático, em prol da conexão textual” (Oliveira, 2019, p. 474). A conexão promovida por essas construções não se restringe à conexão sintática; ela que atribui responsabilidade e legitimidade à informação apresentada. Dessa forma, as construções conformativas

³ Diferentemente de Hattner (2018), que defende que a expressão da evidencialidade se dá predominantemente por meios lexicais (cf. Hattner, 2018), assumimos, neste trabalho, uma perspectiva léxico-gramatical. Tal posicionamento fundamenta-se nos pressupostos da Gramática de Construções, segundo a qual não há uma divisão rígida entre léxico e gramática, uma vez que todos os pareamentos forma-significado são concebidos como construções.

articulam tanto relações estruturais entre segmentos enunciativos quanto marcam a evidencialidade.⁴

A estrutura conformativa no PB, conforme Oliveira (2023), é definida como uma construção que articula segmentos enunciativos vinculados por uma relação de compatibilidade. Os elementos envolvidos nessa relação podem assumir naturezas distintas, uma baseada no mundo biofísico-social (enunciado 1), outra baseada no mundo discursivo (enunciado 2), como vemos a seguir.⁵

(1) “*Ela foi inventada em 1958 pelo inglês Michael Dunlop Young, no livro *The Rise of Meritocracy*. Trata-se de uma ficção científica que retrata a Inglaterra do futuro, onde as pessoas são classificadas **conforme sua inteligência**, que é medida por testes padronizados, e a partir daí têm acesso a escolas e empregos melhores ou piores*”. [Fonte: 413/mar. 2020, A ciência do destino]

(2) “*Do mesmo jeito que a onda de água é uma oscilação no campo da piscina, a luz é uma oscilação em um campo eletromagnético. Isso significa que, se a luz é feita de partículas, **conforme concluiu Einstein**, então esse próprio campo, de alguma forma, pode ser descrito em termos de partículas*”. [Fonte: 420/out. 2020, Física quântica: entenda de uma vez – ou não]

Em (1), a construção conformativa ‘conforme sua inteligência’ estabelece uma relação de compatibilidade entre eventos do mundo biofísico-social, a saber: a classificação de pessoas e os parâmetros de inteligência. A integração entonacional dependente, reforçada pela estrutura não oracional da construção ‘conforme sua inteligência’, reflete a presença de apenas um ato de fala, atribuído ao autor da matéria. Funcionando como um modificador adverbial do predicado verbal ‘são classificadas’, especifica o critério segundo o qual realiza a ação. Essa ausência de estrutura oracional impede a emergência de um novo sujeito sintático, bem como bloqueia a projeção de um ponto de vista alternativo, o que confirma sua interpretação como parte do mesmo evento descrito pela oração principal. Além disso, ‘conforme’ expressa ordenação/classificação, ou seja, o foco não é a legitimidade do saber, mas o parâmetro usado para organizar a sociedade, em que ‘conforme sua inteligência’ indica o princípio regulador, o que pode

⁴ A trajetória *espaço* → *tempo* → *texto* (Heine, Claudi & Hünemeyer, 1991) pode ser estendida para relações mundo *biofísico-social* → *texto*, já que, na conformidade em português, metáfora e metonímia permitem transferir experiências concretas para o plano discursivo. Essa transferência ocorre tanto na conformidade de eventos quanto na de atos de fala e pontos de vista, articulando sentido, alinhamento intersubjetivo e evidencialidade.

⁵ Os dados utilizados deste artigo foram extraídos de Oliveira (2023), que adotou como *corpus* a Revista Superinteressante (24 edições, publicadas nos anos 2020 a 2021) e estão disponíveis em: <https://zenodo.org/records/19495652>

ser confirmado pelo aposto explicativo, na sequência, ‘que é medida por testes padronizados’, que funciona como um comentário explicativo.

Por sua vez, em (2), a construção conformativa ‘conforme concluiu Einstein’ ocorre intercalada na oração principal e representa a compatibilidade de dois atos de fala distintos, o do autor da matéria e o de Einstein. A presença de verbo ‘concluiu’, que projeta tempo, aspecto e agentividade, confere maior autonomia sintática à construção. A construção funciona como modificador adverbial oracional da proposição principal ‘se a luz é feita de partículas’, o que promove o enquadramento epistêmico da asserção. Ao contrário de (01), aqui há a introdução explícita de um segundo sujeito sintático ‘Einstein’, em que o autor assume o ponto de vista de Einstein como base legítima do dizer. Assim, a construção produz o efeito de autoridade científica, em que temos um jogo entre a proposição e o fortalecimento do estatuto de verdade do enunciado, sendo: (i) proposição: ‘a luz é feita de partículas’ e (ii) ‘Einstein concluiu X’.

Os dados apresentados em (1) e (2) permitem compreender que as construções conformativas no PB não desempenham uma função homogênea, podendo operar em níveis distintos da organização linguístico-discursiva. Partimos do pressuposto de que, quando a construção conformativa incide diretamente sobre o segmento a que se liga, modificando-o no plano sintático-semântico, ela exerce uma função de conformidade circunstancial, configurando-se como adjunção que introduz parâmetros ou critérios internos ao evento descrito. Nesses casos, a construção integra o conteúdo proposicional da oração, sem instaurar um novo ponto de vista ou uma ancoragem enunciativa externa.

Em contrapartida, quando a construção conformativa não altera o conteúdo sintático-semântico da proposição, mas opera como um comentário sobre o enunciado, observa-se sua atuação no plano pragmático-discursivo, com escopo mais amplo e caráter marcadamente (inter)subjetivo. Nessa configuração, a construção conformativa desempenha conformidade evidencial, contribuindo para a indicação da fonte da informação ou do ponto de vista que sustenta a asserção. Trata-se, portanto, de um modificador pragmático, que não recai sobre o evento descrito, mas sobre o estatuto enunciativo da proposição, estabelecendo uma relação entre o conteúdo afirmado e um saber atribuído a outrem.

A diferença central entre esses dois funcionamentos reside no fato de que a conformidade evidencial pressupõe a coexistência de, ao menos, dois atos de fala ou dois pontos de vista enunciativos, frequentemente associados a contornos entonacionais

distintos e à projeção de um sujeito responsável pelo saber mobilizado. Dessa forma, a hipótese que orienta este trabalho é a de que as construções conformativas integram o conjunto de estratégias disponíveis no PB para a marcação da evidencialidade.

Desenvolvemos uma análise sincrônica, de natureza qualitativa, com o objetivo de responder se as construções conformativas podem desempenhar função evidencial no PB. A nossa hipótese é que as construções conformativas contribuem para a indicação da fonte de informação no domínio da evidencialidade reportativa, considerando a classificação de Hengeveld e Hattner (2015) e Hattner (2018), que detalharemos mais adiante.

Os dados analisados foram extraídos do banco de dados constituído para a tese de Oliveira (2023), que toma como *corpus* textos da revista *Superinteressante*, em que consideramos os seguintes esquemas construcionais [Segundo X], [Para X], [Como X], [De acordo com X], [Em SN (de X)], [Com base em X], [De SN (de X)], [Pelo X], flagradas no *corpus* como instância da conformidade evidencial.

Antes da análise dos dados, o presente artigo conta com uma seção dedicada ao arcabouço teórico-metodológico, na qual apresentamos conceitos da GCBU relevantes para a descrição proposta. Em seguida, revisamos os quatro tipos de evidencialidade propostos por Hengeveld e Hattner (2015), que servirão de apoio para a análise dos dados. Na seção destinada à análise de dados, buscamos caracterizar os diferentes modos como a evidencialidade pode se manifestar em cada padrão. Por fim, têm-se as considerações finais seguidas das referências.

Arcabouço teórico-metodológico

A Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU) compreende um conjunto de teorias linguísticas que compartilham princípios fundamentais, entre os quais se destacam: a concepção das construções como unidades simbólicas relativamente autônomas; a representação não modular e uniforme da informação gramatical; e a organização da linguagem em redes taxonômicas de construções (Goldberg, 1995, 2006, 2013). Além disso, essa perspectiva entende que o conhecimento linguístico emerge da experiência reiterada dos falantes com a língua em contextos de interação, sendo sensível à frequência, à variabilidade e às práticas discursivas socialmente situadas, ou seja, baseada no uso.

Nesse modelo teórico, o conceito de ‘construção’ adquire estatuto central como unidade básica do conhecimento linguístico, definida como um pareamento simbólico de forma e significado, continuamente moldado pelo uso e pela interação social (Goldberg, 2013, 2019; Diessel, 2023). Com isso, a língua é entendida como um sistema dinâmico de construções interconectadas, organizadas no *constructicon* (Goldberg, 1995), cuja estrutura reflete tanto regularidades cognitivas quanto processos de negociação, estabilização e mudança em práticas discursivas socialmente compartilhadas, organizada em graus de abstrações que vão de níveis mais abstratos a mais preenchidos: macroconstruções/esquemas, mesoconstruções/subesquemas e microconstruções (Traugott; Trousdale, 2013), abrangendo desde morfemas e palavras até expressões idiomáticas, padrões parcialmente preenchidos lexicalmente e esquemas construcionais altamente abstratos.

Nessa perspectiva, qualquer padrão linguístico pode ser reconhecido como uma construção quando apresenta algum aspecto formal ou funcional não inteiramente previsível a partir de suas partes constituintes ou de outras construções já disponíveis no inventário da língua, conforme proposto por Goldberg (1995, 2006). Assim, as construções correspondem a pareamentos convencionais entre forma e função, envolvendo propriedades formais (sintáticas, morfológicas e fonológicas) e propriedades funcionais (semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais), conforme Croft (2001).

De acordo com Goldberg (2006), a principal vantagem da abordagem construcionista é sua “adequação descritiva”, que permite abranger tanto as generalizações linguísticas quanto as idiossincrasias. Assim, as construções são distribuídas a partir das propriedades de esquematicidade, produtividade e composicionalidade.

A esquematicidade diz respeito ao grau de abstração e generalização das construções, variando entre padrões mais específicos e padrões mais gerais. Já a produtividade relaciona-se ao grau de generalidade, regularidade e extensibilidade de um padrão construcional (Barðdal, 2006). A composicionalidade, por sua vez, refere-se ao grau de transparência na relação entre forma e função, isto é, à medida em que o significado da construção pode ser inferido a partir de suas partes constituintes. Essas propriedades são avaliadas a partir da correspondência — ou da ausência dela (match/mismatch) — entre forma e função. Ademais, processos como a analogização e a

neanálise atuam na mudança linguística (Traugott; Trousdale, 2013) e são modelados, na GCBU, por meio de relações de herança que estruturam a rede construcional.

Essa linha teórica **geralmente se beneficia do uso de dados originados de contextos linguísticos reais**. Neste estudo, desenvolvemos, portanto, uma análise sincrônica, com dados retirados da Revista *Superinteressante* (século XXI), catalogados por ocasião da pesquisa de doutorado de Oliveira (2023). Optamos por analisar textos escritos na modalidade mais formal do português, uma vez que pressupomos que esse seria o contexto apropriado para emergir a construção conformativa em análise. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que parte da leitura integral de textos de 24 edições, de janeiro de 2020 a dezembro de 2021 (da edição 411 à edição 434) da revista supracitada.

Apesar de a análise realizada ter natureza qualitativa, adotamos os seguintes procedimentos metodológicos, a seguir. A filtragem dos dados concentrou-se em constituições morfossintáticas com conectivo explícito ([Conect X]), considerando relações conformativas intraoracionais, interoracionais e supraoracionais. Controlamos os seguintes fatores para avaliar os enunciados: característica distributiva (introdução de sintagma nominal ou oração), natureza do verbo escopado (semântica e modo-temporal), animacidade do sintagma nominal, e posição da construção em relação ao enunciado principal (anteposta, interposta ou posposta). Além disso, as construções foram classificadas quanto aos tipos de evidencialidade (direta, indireta, perceptiva, dedutiva/inferencial e reportativa) e quanto à função semântico-pragmática: **conformidade circunstancial e conformidade evidencial**.

Como se sabe o que se diz: evidencialidade e acesso à fonte de informação

Aikhenvald (2004), em um extenso estudo tipológico sobre a evidencialidade, caracteriza-a como um sistema linguístico gramatical de marcação de fonte de informação. A autora demonstra que as línguas podem apresentar sistemas evidenciais mais simples, frequentemente organizados em uma oposição entre evidencialidade direta ou indireta, ou sistemas mais complexos, que distinguem diferentes tipos de acesso à informação, como evidências visuais, auditivas, inferidas ou reportadas. Neste sentido, o termo “fonte de informação” se refere a modos de acesso cognitivo ao conteúdo proposicional, tais como percepção direta, inferência ou ouvir-dizer (Melac; Leclercq, 2024).

Na tradição francesa, a categoria é denominada de mediatividade (Guentchéva, 1994), enquanto na tradução inglesa como evidencialidade. *Grosso modo*, ambos os termos servem para designar um domínio funcional ou uma categoria linguística relacionados à indicação de fonte ou origem de um conteúdo proposicional (cf. Soares, 2022).

Disso vem uma diferenciação importante na definição de evidencialidade, que passa a ser compreendida de forma mais ampla, como uma categoria conceptual. Tal ampliação do conceito busca abarcar manifestações evidenciais realizadas por meios lexicais ou discursivos, não se restringindo à evidencialidade gramaticalmente codificada. Soares (2022, p. 265), ao adotar essa perspectiva, define a evidencialidade como uma “categoria conceptual ou domínio funcional que indica a fonte de informação do conteúdo proposicional de um enunciado, de algum modo presente em todas as línguas, seja em estratégias discursivas, seja em expressões de um contínuo léxico-gramatical”. É essa definição ampliada de evidencialidade que orienta a análise desenvolvida neste artigo.

Oliveira (2023), ao analisar as construções conformativas no PB, indica que alguns usos se desenvolveram para expressar evidencialidade. A autora indica ainda que essa categoria pode ser tanto expressa por recursos léxico-gramaticais (exemplo 03) quanto por recursos discursivos (exemplo 04), conforme apresentado no Quadro 1, a seguir.

Quadro 01 - Recursos léxico-gramaticais e discursivos

expressão léxico-gramatical

(3) “Uma maneira mais precisa, então, é encontrar padrões de envelhecimento que valham para os *Canis familiaris* de forma geral. **Como você, leitor da SUPER, já viu por aqui**, certos pesquisadores defendem que se criem ‘faixas’ de idade, que definam estágios da vida canina”. (edição 417, ju. 2020)

expressão discursiva da evidencialidade

(4) “Talvez herdemos até os medos dos nossos ancestrais; e isso também aconteça por meio de alterações epigenéticas. **É o que sugere** um estudo feito com camundongos por cientistas da Universidade de Emory, nos EUA”. (edição 413, mar. 2020)

Fonte: Oliveira (2023, p. 159 e 234).

O enunciado em (3), retirado de uma matéria da seção *Supernovas* da revista, apresenta uma fórmula para calcular a idade de um cão. Afirma-se que não basta

multiplicar por sete, pois as fisiologias variam entre os animais, e os cientistas propuseram, então, uma nova maneira de estimar a taxa de envelhecimento dos cachorros. Na versão digital da revista, o segmento ‘já viu por aqui’, contém um *link* para uma matéria de 2019 sobre o mesmo tema, estabelecendo um diálogo direto com o leitor.

O conectivo ‘como’, associado ao vocativo ‘você’, atua como marcador de conformidade e estratégia (inter)subjativa, incluindo o leitor na cena e atribuindo-lhe a percepção da informação. A construção [como você] permite que se evite a repetição, ao indicar que a fonte primária da informação está em outra matéria, ao mesmo tempo em que preserva sua autoridade ao reconhecer a repetição proposital.

Assim, o enunciado “como você, leitor da SUPER, já viu por aqui” funciona como uma construção léxico-gramatical de evidencialidade, pois sinaliza a origem da informação apresentada na proposição seguinte. Diferentemente de marcas discursivas mais amplas, como “É o que sugere” (ver exemplo 04), a construção localiza diretamente a evidência que valida a afirmação. O conectivo ‘como’ atua como marcador de conformidade, estabelecendo que o que se afirma está em alinhamento com conhecimento previamente apresentado ou compartilhado com o leitor, o que reforça o caráter intersubjetivo do enunciado (Traugott, 2010). A referência ao leitor evidencia a interlocução explícita, na qual se busca a adesão do interlocutor ao ponto de vista apresentado, enquanto distribui a responsabilidade sobre a informação. O verbo “ver” remete à maneira como a informação é acessada pelo interlocutor para fazer autorreferenciação, típico dessa construção (cf. Oliveira, 2019). Assim, apesar de certa mudança de perspectivação, a que voltaremos mais adiante, a evidencialidade presente nesse enunciado se classifica como perceptiva.

Por sua vez, no enunciado (4), nos deparamos com uma construção conformativa que estabelece alinhamento entre a proposição precedente e uma fonte externa de autoridade, [É o que + Vdicendi]. Assim, o verbo “sugere” atribui a origem da informação a um estudo científico, ao mesmo tempo, em que atenua o comprometimento direto do enunciador com a assertividade do enunciado. Em outras palavras, o conteúdo foi inferido com base em evidências (um estudo) reportadas, não em evidências percebidas, ou seja, funciona como estratégia evidencial de tipo reportativo. Além disso, podemos compreender como uma estratégia de impessoalização que reforça o efeito de objetividade e validação epistêmica do conteúdo apresentado, em função do apagamento do sujeito enunciador. E a construção funciona como recurso intersubjetivo de proteção

e validação argumentativa (cf. Traugott; Dasher, 2002; Traugott, 2010), ao indicar os responsáveis pelo conteúdo afirmado.

Esses dois exemplos ilustram formas distintas de acesso à fonte de informação enunciada. Hengeveld e Hattner (2015) distinguem quatro tipos de evidencialidade, a saber: perceptiva, dedutiva, inferencial e reportativa. No Quadro 2, reproduzimos as definições e os exemplos fornecidos pelos autores para cada um.

Quadro 2 – Tipos de evidencialidade

direta	indireta		
<i>perceptiva</i>	<i>dedutiva</i>	<i>inferencial</i>	<i>reportativa</i> ⁶
Indica se o evento foi ou não testemunhado pelo falante.	Indica que a ocorrência de um episódio é deduzida pelo falante com base em uma evidência disponível.	Está relacionada com um conteúdo proposicional inferido pelo falante com base em seu conhecimento prévio.	Está relacionada à opinião dos outros, e não ao próprio material cognitivo.
“Não estava frio, mas um pouco de vento trazia a brisa do mar. Senti o cheiro entrar nas minhas narinas.”	“Estive olhando as fotos de Camila e percebi que ela usa os filtros de acordo com a cor da foto.”	“Em princípio, parece que a definição de renda se apresenta bastante clara e precisa.”	“Estudos dizem que o produto não é cancerígeno.”

Fonte: adaptado de Hengeveld e Hattner (2015) e Hattner (2018).

A evidencialidade direta ou perceptiva (“*event perception*”) ocorre quando o falante percebe diretamente o evento por meio dos seus sentidos. Já a evidencialidade dedutiva baseia-se em raciocínio a partir de evidências perceptuais, exigindo a relação entre pelo menos dois estados de coisas relacionados: o percebido e o deduzido, conforme colocam os autores (Hengeveld; Hattner, 2015).

A evidencialidade inferencial se dá quando o enunciado se baseia no conhecimento do falante. De acordo com Silva (2020, p. 73-74), “a inferência é utilizada para marcar uma informação proveniente de um raciocínio não assentado em evidências perceptuais, embasado puramente pelo conhecimento existente do falante ou também por evidências de natureza relatada”. Em outras palavras, com esse tipo de evidencialidade, indica que o falante infere a informação apresentada (Hengeveld; Hattner, 2015, p. 485).

⁶ Miranda (2020) indica a existência da evidencialidade reportativa e a citativa, subtipos evidenciais responsáveis por indicar que a informação enunciada foi adquirida por meio de terceiros.

Na evidencialidade reportativa, o falante transmite uma informação obtida de terceiros, podendo ser definida, indefinida ou de domínio comum (Hattner, 2001). Trata-se de estratégia de polifonia que indica fonte confiável, pois “o conteúdo da mensagem contido em um ato discursivo é caracterizado como transmitido, e não como produzido originalmente” (Hengeveld; Hattner, 2015, p. 484). Verbos de elocução (*dicendi*) ou semelhantes, quando presentes, mobilizam enunciados externos ao texto e reforçam o ponto de vista do falante.

Análise e discussão de dados

A conformidade, no PB, não se restringe às orações subordinadas adverbiais conformativas tradicionalmente descritas pelas gramáticas normativas, mas pode ser realizada por um conjunto mais amplo de construções que operam na organização sintático-discursiva do enunciado. Neste estudo, conforme já adiantamos, delimitamos a análise às construções conformativas evidenciais que apresentam, em sua sequência sintagmática, elemento(s) de valor conector, canônicos ou não, responsáveis por estabelecer relações de compatibilidade entre segmentos enunciativos.

Entre esses elementos, figuram tanto conjunções (“conforme”, “segundo”, “como”) quanto preposições essenciais, atípicas⁷ ou locuções prepositivas⁸ (“para”, “segundo”, “conforme”, “de acordo com”), conforme descritas pelas gramáticas do português. Incluem-se ainda conectivos que emergem em construções mais complexas, como aquelas do tipo [Em SN (de X)], a exemplo de “na concepção de X” e “nas palavras de X”, bem como padrões construcionais do tipo [SER o que + SV *dicendi*/cognitivo/perceptivo + X] (cf. Oliveira 2023).

Analizamos, a seguir, as construções [Segundo X], [Para X], [Como X], [De acordo com X], [Em SN (de X)], [Com base em X], [De SN (de X)], [Pelo X], flagradas no *corpus*, buscando indicar o tipo de evidencialidade que instanciam. Algumas delas fazem conexão interoracional e intraoracional, outras estabelecem apenas um dos níveis

⁷ Em Wiedemer e Oliveira (2020), as preposições acidentais/típicas são reconfiguradas como “relatores circunstanciais”, pois desempenham, de um lado, a função relatora caracterizada pela presença de Sintagma Nominal na estrutura subsequente; e, de outro, evidenciam o aspecto semântico-pragmático comum que todas projetam na estrutura à qual se ligam, a função circunstancial.

⁸ Também denominadas de “preposições complexas” (Lehmann, 2016; Santos; Wiedemer, 2024).

de conexão.⁹ A primeira construção é [Segundo X], que pode aparecer tanto em conexão intraoracional quanto interoracional.

(5) “A coluna de fumaça provocada pela última temporada e incêndios na Austrália é três vezes maior do que qualquer outra nuvem de poluentes de queimadas já registrada no planeta. **Segundo um estudo de um grupo internacional de pesquisadores**, a mancha cinza atingiu 35 quilômetros de altitude, e permaneceu cerca de 13 semanas na atmosfera – viajando por 66 mil quilômetros”. (edição 421/nov. 2020)

Em (5), a construção conformativa formada pelo conectivo “segundo” está inserida em um contexto intraoracional. O constructo não integra um verbo de elocução, de modo que toda a função de indicação de fonte enunciativa recai sobre o próprio “segundo”, classificado por Soares (2022) como uma expressão introdutória de discurso relatado. De fato, mesmo na ausência de um verbo *dicendi* ou de elocução explícita, a atribuição da indicação de fonte de informação mantém-se. De acordo com Oliveira (2023), esse uso de “segundo” nesse contexto mostra-se produtivo no PB, superando, inclusive, a frequência de construções com “conforme”, o que reforça o grau de especialização funcional de “segundo” na marcação de fonte epistêmica.

Antes da construção em foco, em enunciado precedente, apresenta-se uma afirmação acerca de uma situação ambiental na Austrália. Na sequência, uma nova informação é introduzida, estabelecendo referência anafórica a lexemas antes mencionados (“fumaça” e “mancha cinza”), o que contribui para a coesão do texto. Para sustentar esse enunciado, a construção incorpora uma fonte de informação: ‘um grupo internacional de pesquisadores’. Considerando que o enunciado estabelece uma comparação com queimadas registradas ‘no planeta’, a menção a essa fonte reforça o efeito de legitimidade epistêmica e a fiabilidade da informação veiculada, o que contribui para a construção de objetividade e cientificidade, típico de gêneros expositivos de divulgação científica. Ainda que não haja um verbo de elocução, temos um caso de evidencialidade reportativa.

A construção introduzida por “segundo” opera como um deslocamento da responsabilidade epistêmica, ao vincular a informação veiculada à opinião, avaliação ou resultado interpretativo de um grupo internacional de pesquisadores. Nesse sentido, o enunciador não se compromete diretamente com a veracidade empírica do enunciado,

⁹ Os dados conformativos evidenciais com o conectivo *conforme* tiveram baixíssima produtividade no *corpus*, apresentando apenas um dado interoracional e outro intraoracional, que tinham comportamento semelhante aos enunciados com *segundo*. Assim, optamos por não trazer exemplos com essa microconstrução.

mas o apresenta como conhecimento mediado, cuja validade decorre da autoridade e da legitimidade socialmente reconhecida da fonte mencionada. Assim, a evidencialidade não emerge de um item lexical isolado, mas da construção como um todo, [SEGUNDO + SN fonte da informação + ORAÇÃO], o que sinaliza que a informação é apresentada como pertencente ao domínio cognitivo de outrem, e não do próprio enunciador.

Diferentemente do exemplo em (05), encontramos também no PB a realização explícita de um verbo de elocução, conforme observamos em (06), a seguir.

(6) *“A ação do sistema imune e o uso de antibióticos, às vezes, são apenas parte do problema. Dependendo da região do corpo que infectam, bactérias têm de concorrer, também, com outros micróbios que já vivem no local. E essa relação nem sempre é harmônica. É o que acontece na pele humana, segundo revelou um novo estudo, feito por cientistas do Instituto de Pesquisa Lerner, do hospital americano Cleveland Clinic”.* (edição 422/dez. 2020)

No exemplo em (6), a atribuição da fonte de informação é realizada por meio de construção evidencial mais complexa, em que “segundo” ocorre associado ao verbo de elocução (“revelou”) (cf. SCHEIBMAN, 2001), que reforça o enquadramento do enunciado como discurso relatado. Ainda assim, a evidencialidade permanece do tipo reportativa, uma vez que o conteúdo proposicional é atribuído a uma fonte externa institucionalizada, o que intensifica os efeitos de legitimidade epistêmica.

Como visto no exemplo em (06), o verbo “revelar” não é semanticamente neutro. Ao contrário, ele constrói uma expectativa de conhecimento validado, o que intensifica a autoridade epistêmica da fonte, bem como reforça a leitura reportativa com valoração positiva da informação e contribui para um ethos de cientificidade e inovação. De acordo com Givón (1995), os tipos semântico-pragmáticos dos verbos exercem influência direta sobre o grau de integração de orações. No caso dos verbos de elocução, observa-se uma tendência à integração sintática mais frouxa entre a oração introdutória e o segmento informacional a que se ligam, reforçada pela não coincidência entre os sujeitos das orações conectadas, característica recorrente em construções de atribuição de fonte.

Além das formações com “segundo”, observamos no PB contemporâneo a emergência e a produtividade de construções conformativas introduzidas por “para”, esquematizada como [Para X], conforme exemplo em (07).

(7) *“Se o aquecimento global não vai me atingir, preciso me preocupar com ele? Sim. Para esse sociólogo, não há diferença entre a geração atual e a futura. Você pode não ligar para o que vai*

acontecer daqui a um século, mas talvez se importe com o que vai acontecer daqui a 50 anos, porque estará vivo". (edição 431/set. 2021)

O exemplo em (7) foi retirado da seção ‘Oráculo’, dedicada à apresentação de pontos de vistas sobre determinados assuntos com base nas ideias de alguns pensadores e filósofos. A questão aí é se o aquecimento global deve ser motivo de preocupação ou não. Ao lado de mais dois pensadores, imagina-se a maneira como o sociólogo Wendell Bell responderia à questão. Então, para particularizar o ponto de vista desse pensador, utiliza-se uma instanciação de [Para X], em que X é preenchido pelo sintagma nominal (SN) “esse sociólogo”, que constrói a proposição como ponto de vista atribuído a um especialista. Soma-se que a presença do demonstrativo “esse” desempenha papel de ancoragem discursiva da fonte, ao pressupor sua ativação prévia no discurso e reforçar a especificidade e a acessibilidade cognitiva do referente, o que contribui para a construção de autoridade interpretativa no interior do texto.

Com base em Halliday e Matthiessen (2004), o segmento em análise é caracterizado como uma circunstância de ângulo, uma vez que introduz o ponto de vista do qual a proposição é avaliada. Esse tipo de circunstância, inserido no sistema de transitividade, não integra o núcleo do processo, mas apresenta escopo sobre a proposição, operando no plano interpessoal ao sinalizar a fonte avaliativa da informação. Ao deslocar o centro de avaliação do enunciador para um sujeito externo, a circunstância de ângulo cria as condições para a emergência de uma leitura evidencial reportativa, visto que o conteúdo proposicional passa a ser apresentado como pertencente ao domínio cognitivo de outrem, e não como resultado direto da experiência ou inferência do falante. Em línguas como o português, nas quais a evidencialidade não é gramaticalizada morfologicamente, construções dessa natureza desempenham papel central na codificação da fonte da informação.

À luz dessa caracterização, o dado (8) instancia a construção evidencial [Para X] como realização de uma circunstância de ângulo. O segmento “para a psicanalista Vera Iaconelli” opera com escopo sobre a proposição, deslocando a avaliação para uma fonte externa e ativando uma leitura evidencial reportativa. A citação direta subsequente não inaugura essa leitura, mas a reforça, ao tornar explícito o domínio cognitivo da fonte.

(8) *“O que leva alguém a achar que é boa ideia comer demais e demasiadamente rápido? Para a psicanalista Vera Iaconelli, trata-se de um distúrbio análogo à anorexia. “Ambos refletem a*

fantasia onipotente do controle sobre o corpo, de superar uma necessidade fisiológica”, diz”.
(edição 426/abr. 2021)

De maneira semelhante, a construção [Para X] também se manifesta em contextos de avaliação cultural ou literária, como se observa no exemplo (9). Nesse caso, o segmento “Para quem concorda com Jacob – e curte enredos sangrentos –” desloca a perspectiva do enunciador para um grupo específico de leitores, criando uma leitura evidencial reportativa que vincula a proposição ao ponto de vista de terceiros e reforça a autoridade interpretativa sobre o conteúdo apresentado.

(9) “*Jacob, fiel à ideia de que era um guardião da cultura germânica, se afastou do projeto quando Wilhelm começou a alterar os contos para agradar o público infantil burguês da época. Para quem concorda com Jacob – e curte enredos sangrentos –, hoje existe uma tradução em português da primeira edição, sem autocensura, publicada no Brasil pela Editora 34*”. (edição 417/jul. 2020).

A angulação do discurso, que separa o ponto de vista de um grupo em relação a outros (quem concorda vs. quem não concorda), se realiza, à primeira vista, pela construção, que orienta a interpretação do leitor. Contudo, ao considerarmos a asserção seguinte “hoje existe uma tradução em português da primeira edição (...)”, percebe-se que a informação não é passível de debate, gerando certa ambiguidade. Ainda assim, persiste a noção de meta, a preposição “para” direciona a informação. Parafraseando o trecho, poderíamos dizer que existe uma tradução em português sem censura direcionada para quem concorda com Jacob e curte histórias sangrentas. Esse dado ilustra a inferência pragmática (Traugott; Dasher, 2002), que pode gerar um *mismatch* (Traugott; Trousdale, 2013) e favorecer novos usos, como o evidencial.

“Como”, em construções conformativas, já é registrado no século XVI, de acordo com Barreto (1999). A autora assevera que a possibilidade de ‘como’, originalmente associado ao valor modal, passar a ser usado em construções conformativas se justifica pelo fato de que conformidade, modo e comparação têm limites semânticos num *continuum*. [Como X] é uma construção que ocorre apenas em conexão interoracional. Esse conectivo depende de outros elementos do contexto para desempenhar a função conformativa, como ocorre, por exemplo, quando se associa a verbos de elocução, a exemplo, “dizer”, tal como observado em (10), a seguir.

(10) *“Eles não veem sentido em tentar construir máquinas que imitem o pensamento humano. Como afirmam Stuart Russel e Peter Norvig, duas das maiores autoridades no assunto hoje, no livro-referência Artificial Intelligence – A Modern Approach (“Inteligência Artificial – Uma Abordagem Moderna”): “A busca pelo ‘voo artificial’, entre o final do século 19 e o início do século 20, só funcionou quando os engenheiros pararam de fazer máquinas que imitavam aves”.* (edição 414/abr. 2020)

Em (10), “como” estabelece uma relação de conformidade entre a proposição apresentada e um ponto de vista atribuído a uma fonte enunciativa autorizada. A construção “como afirmam Stuart Russell e Peter Norvig”, em posição anteposta, atua como marcador de alinhamento discursivo e contribui para a validação do conteúdo proposicional. O valor conformativo emerge da articulação interoracional e da associação com o verbo “afirmar”, evidenciando o caráter (inter)subjetivo da construção (Traugott, 2010). Ao introduzir uma citação direta, a construção também desempenha função evidencial de tipo reportativo, ao explicar a origem da informação.

Oliveira (2018) mostra que o conectivo “como” desempenha uma subfunção conformativa específica de referenciação intratextual, além de indicar evidencialidade, como o exemplo em (11), o enunciador faz referência a outro texto da própria revista.

(11) *“Foi então que a perereca *Hypsiboas punctatus*, que é nativa da América do Sul e pode, inclusive, ser encontrada no Brasil, finalmente se juntou a esse grupo – **como você, leitor fiel da SUPER, talvez se recorde.** Depois, mais dois sapos e uma salamandra, analisados por outros estudos, também demonstraram ter essa habilidade”.* (edição 414/abr. 2020)

Essa ocorrência, única do *corpus* com o verbo no presente do subjuntivo, caracteriza-se como um caso de interlocução com o leitor, semelhante ao já observado em (3). Ao utilizar o verbo “recordar”, o enunciador não assegura que o leitor, de fato, se lembre da matéria anterior em que o tema foi tratado. Por se tratar de uma referenciação intratextual, típica dos usos conformativos com o conector “como” (Oliveira, 2018), o subjuntivo aqui não compromete a asserção.

Essa interlocução com o leitor mostra a capacidade da possibilidade do autor de refletir sobre o plano informativo e argumentativo, o que intensifica a força da proposição. Em um jogo de perspectivação, a cena enunciativa muda e a responsabilidade pela afirmação passa a ser compartilhada com o interlocutor, de modo que o tipo de fonte evidencial é de tipo perceptivo por parte do leitor.

[De acordo com X], em (12), ao contrário da construção anterior, aparece no *corpus* apenas em conexão intraoracional. Carioca (2016) demonstra que, por motivação metafórica (“entendimento é acordo”), “de acordo com” passa a ser usada como construção evidencial. A autora afirma que esse uso indica baixo comprometimento com o enunciado porque evidencia distanciamento em relação à fonte de informação; ou seja, o enunciador não concorda necessariamente com a asserção, característica compartilhada por outros padrões conformativos evidenciais.

(12) “*Mas não foi só essa postura mais saudável diante da vida que fez o consumo de álcool diminuir. De acordo com a OMS, 80 países têm alguma política para a diminuição do consumo de álcool (não entram na conta os que proibem, porque aí não é política, é só autoritarismo religioso mesmo)*”. (edição 411/jan. 2020)

Essa ocorrência foi encontrada em uma matéria de capa sobre a redução do consumo de álcool por meio de políticas públicas. Dados numéricos e exemplos são oferecidos com base em uma autoridade no assunto: a OMS (Organização Mundial da Saúde). A indicação dessa fonte serve para assinalar a origem e a força dessa enunciação. A OMS enunciou essa informação em algum momento, e esse discurso é recrutado para a matéria. Assim, trata-se de mais um caso de evidencialidade reportativa.

No *corpus*, também identificamos a construção conformativa [Em SN (de X)], que ocorre apenas em conexão intraoracional. Observemos, a seguir, seu uso no exemplo em (13).

(13) “*Sem falhas, fica difícil saber qual caminho seguir. Nas palavras do Nobel Enrico Fermi: ‘Um experimento que confirma uma predição é só uma medição. Um experimento que contradiz uma predição é uma descoberta’*”. (edição 426/abr. 2021)

O exemplo em (13) foi retirado de um texto acerca da necessidade de lacunas em uma teoria para promover o progresso. Nele a construção [Em SN (de X)], instanciada pelo sintagma nominal “o Nobel Enrico Fermi”, atua como fonte externa e reconhecida. O discurso do Fermi é recrutado tal qual foi proferido, em citação direta entre aspas, e relaciona-se à proposição anterior, estabelecendo alinhamento interpretativo. Na construção, é possível identificar um sentido referencial/lexical do lexema presente no SN, “palavras”, o que aproxima essa construção de conectivos mais canônicos (“conforme”, “segundo” etc.) e reforça sua função como instanciador de conformidade

evidencial no português. Além disso, a associação com citação direta, típica de contextos com verbos de elocução, caracteriza a evidencialidade reportativa de forma clara.

Ainda nesse padrão, apresentamos outro dado relevante para a discussão proposta.

(14) “*Eu tenho o dever moral de me vacinar? John Stuart Mill (1806-1873). Sim. Na perspectiva utilitarista, você só pode negar vacina se o risco que ela representa para você for maior do que o risco de que alguém morra porque você se negou a contribuir com sua parcela de responsabilidade pela cobertura vacinal*”. (edição 429/jul. 2021)

No exemplo (14), a fonte de avaliação é introduzida pelo lexema “perspectiva”, que retoma o SN John Stuart Mill, e a construção opera como marcador conformativo ao ancorar a proposição subsequente em um sistema de valores previamente estabilizado, associado à tradição utilitarista. “Perspectiva” é um substantivo que, assim como “palavras”, contribui para recrutar o pensamento de um terceiro, externo ao texto, e “utilitarista” metonimicamente pode representar aqueles que comungam dessas ideias. A proposição “você só pode negar vacina se o risco que ela representa para você for maior (...)”, que aparece como escopo, é colocada sob o prisma da teoria de John Stuart Mill. É nessa perspectiva utilitarista que essa asserção se torna válida no contexto do enunciado. Trata-se de uma inferência baseada em um discurso, portanto evidencialidade inferida.

Nos dados analisados, foram identificados ainda os seguintes lexemas para o *slot* SN: palavras, opinião, perspectiva, visão e definição¹⁰. Os substantivos que ocorrem nesse *slot* podem ser semanticamente associados tanto a processos de dizer quanto a processos mentais (cognitivos), nos termos de Halliday e Matthiessen (2004). Essa associação é possível porque nas construções que estabelecem conexão interoracional, como [Segundo X] e [Como X], já se evidenciou a presença de verbos como “ver”, “dizer”, “definir” (Oliveira, 2019, 2023). A própria fronteira entre os processos mentais e verbais reforça a possibilidade de que os substantivos semanticamente relacionados a processos mentais, ao lado dos verbais (de elocução), também contribuem para a função evidencial.

¹⁰ Koch e Elias (2018) inserem, entre as estratégias de argumentação, os articuladores delimitadores de domínio, definidos como recursos por meio dos quais determinamos o campo (científico, pessoal etc.), uma vez que “explicitam o âmbito dentro do qual o conteúdo do enunciado deve ser verificado” (p. 146).

Também se observa no *corpus* a construção [De SN (de X)] igualmente empregada com função conformativa evidencial, como o SN, preenchido por “ponto de vista”, conforme exemplo em (15).

(15) “*Pouca gente, a essa altura, está completamente isolada desde lá. Mas a maior parte de nós não voltou à vida como ela era (o que é ótimo do ponto de vista epidemiológico, claro). Então sempre vale lembrar: dê uma chance extra para aquelas conversas de Zoom que já enjoaram, telefone para seus pais e avós, não suma dos grupos de Whats, mande DM quando gostar da foto de um amigo; puxe conversa*”. (edição 424 fev. 2021)

Trata-se de um articulador textual delimitador de domínio avaliativo, ancorando a proposição em um campo específico de saber. Embora não haja menção explícita a um enunciador individualizado, a avaliação é atribuída a um domínio epistêmico especializado, socialmente legitimado, o que desloca a responsabilidade enunciativa do locutor para uma instância externa e abstrata. Essa operação favorece uma leitura evidencial reportativa de natureza difusa, uma vez que o conteúdo proposicional é apresentado como compatível com um saber compartilhado no interior de uma comunidade discursiva especializada, e não como resultado da experiência ou inferência direta do enunciador. Assim, instancia a angulação porque o comentário “o que é ótimo” é verdadeiro se condicionado a um determinado ponto de vista. Esse mesmo funcionamento pode ser observado no exemplo (16), em que a construção [do ponto de vista de X] não introduz um agente enunciador empírico, mas projeta um domínio conceitual específico como lugar de validação da proposição:

(16) “*O alemão [Einstein] descobriu que o tempo passa em ritmos diferentes para coisas diferentes. Do ponto de vista de um buraco negro, caso ele tivesse ponto de vista, o Universo não existe mais. Trilhões e trilhões de ano já se passaram. Todas as estrelas já se apagaram, os prótons decaíram*”. (edição 424/fev. 2021)

Nesse dado, a angulação não se ancora em uma fonte humana ou institucionalizada, mas em um referencial teórico-científico. A construção opera como um delimitador de domínio interpretativo, projetando um cenário conceitual extremo, o “ponto de vista de um buraco negro”, que só é cognitivamente acessível à luz de um saber científico previamente estabilizado. Ainda que formulada de modo hipotético e metafórico (“caso ele tivesse ponto de vista”), a proposição é apresentada como compatível com modelos teóricos legitimados no campo da física, o que desloca

novamente a responsabilidade epistêmica do enunciador para um domínio de conhecimento especializado. Trata-se, portanto, de mais um caso de evidencialidade reportativa difusa, em que a fonte da informação não é explicitamente citada, mas é recuperável a partir do horizonte discursivo científico que sustenta o enunciado.

A comparação entre os exemplos (15) e (16) permite observar diferentes graus de abstratização da fonte evidencial acionada pelas construções conformativas. Em (15), a expressão “do ponto de vista epidemiológico” ancora a avaliação em um domínio científico institucionalizado, associado a uma comunidade discursiva reconhecida, ainda que sem a menção explícita a um agente enunciador individualizado. Em (16), a construção “do ponto de vista de um buraco negro” radicaliza esse processo de abstratização: a fonte não corresponde a um sujeito empírico nem a uma instituição, mas a um referencial conceitual derivado de um modelo teórico da física. Ainda assim, a proposição não emerge da inferência do enunciador, mas do recrutamento de um saber científico previamente estabilizado, associado, no próprio texto, à tradição inaugurada por Einstein.

Essa diferença revela uma gradação contínua que vai de fontes humanas institucionalizadas, passa por domínios epistêmicos especializados e culmina em entidades conceituais não humanas, sem que isso comprometa o estatuto evidencial das construções. Em ambos os casos, a avaliação é válida apenas quando condicionada ao domínio invocado, o que caracteriza um claro movimento de angulação discursiva.

É fundamental observar que, mesmo quando X não é humano, como em (16), a construção não instaura uma leitura inferencial. Na evidencialidade inferencial, o conteúdo proposicional é apresentado como resultado de um raciocínio do próprio enunciador, baseado em seu conhecimento ou em pistas disponíveis no contexto, conforme já destacamos no Quadro 2. No exemplo em questão, entretanto, o locutor não se coloca como aquele que infere o estado de coisas descrito; ao contrário, ele o apresenta como compatível com um saber teórico externo, cuja autoridade não decorre da cognição individual, mas de modelos científicos socialmente legitimados. A formulação hipotética (“caso ele tivesse ponto de vista”) não marca um processo inferencial do falante, mas funciona como estratégia retórica de didatização e metaforização de um conhecimento reportado.

Assim, tanto em (15) quanto em (16), a construção “do ponto de vista de X” opera como marcador de evidencialidade reportativa, ainda que de natureza difusa, uma vez que

a fonte não é enunciada como indivíduo falante, mas como domínio epistêmico. O que se reporta, nesses casos, não é a fala de um sujeito, mas um quadro interpretativo compartilhado, cuja validade repousa na autoridade cognitiva do campo de saber mobilizado. A evidencialidade, portanto, não se ancora na inferência do locutor, mas na remissão a um conhecimento preexistente, externo e socialmente reconhecido.

Agora cabe tratar da construção [Com base em X], que integra o grupo de construções com conectivos complexos, ao lado de [De acordo com X], [Em SN (de X)], [De SN (de X)], já mencionados. Não se encontra registro desse conectivo em compêndios gramaticais, em dicionários ou em listas de locuções prepositivas, diferentemente de “de acordo com”, que figura em Cunha e Cintra (2017).

O substantivo “base” apresenta, entre outras, as seguintes definições: “o que serve de apoio ou sustentação para algo”; “ideia ou fato inicial de que se parte para formar um raciocínio; premissa” (BASE, 2026). Vejamos o exemplo (17).

(17) *“Em 1948, o pai da teoria da informação, Claude Shannon, publicou o teorema da codificação da fonte, que diz, **com base na entropia**, exatamente o quanto é possível compactar um arquivo sem alterá-lo”.* (edição 420/out. 2020)

Em (17), a ocorrência da construção [com base em X] evidencia um estágio avançado de convencionalização no PB contemporâneo, no qual a sequência deixa de ser interpretada composicionalmente a partir do valor lexical concreto do substantivo “base” e passa a funcionar como um conectivo complexo de natureza conformativa. Embora “base” tenha, em sua origem, sentidos ligados a apoio físico ou sustentação material, no contexto analisado observa-se um processo de opacização semântica, pelo qual a construção passa a codificar uma relação abstrata de fundamentação epistêmica, desvinculada de qualquer leitura espacial ou concreta.

Esse padrão atua como um recurso de articulação argumentativa que estabelece conformidade entre o conteúdo proposicional e um domínio de saber socialmente legitimado, no caso, um princípio teórico-científico (“entropia”). Assim, a construção opera como mecanismo de deslocamento da responsabilidade do enunciador para um fundamento conceitual partilhado. Em outras palavras, podemos dizer que o enunciador cita Claude Shannon, que se baseou na noção de entropia. Trata-se de uma evidência inferida (“o quanto é possível compactar arquivo sem alterá-lo”) por meio de uma noção reportada (entropia).

Nesse dado empírico, observa-se uma zona de ambiguidade funcional, uma vez que não se trata de uma fonte informacional prototípica. Não é possível atribuir ao constructo o estatuto de fonte enunciativa nem lhe associar diretamente uma proposição do contexto. Ainda assim, sua posição na cadeia sintagmática, em estreita proximidade com um verbo de elocução (verbo *dicendi*), favorece uma leitura evidencial, à luz do subprincípio da proximidade, formulado no âmbito da iconicidade funcional. Dados dessa natureza, marcados por ambiguidade categorial e funcional, são particularmente relevantes para os estudos funcionalistas e construcionistas, pois evidenciam que as mudanças linguísticas, em sua maioria, não se processam de forma abrupta, mas por meio de micropassos de reinterpretação semântica e de rearranjos morfossintáticos graduais, que se estabilizam progressivamente no uso.

Ainda, no escopo das construções conformativas evidenciais, encontramos duas construções, [Pelo que SV X] e [Pelo X], que podem ser formalizadas, de maneira geral, pelo esquema [Pelo (que) X]. Essa configuração permite identificar diferentes escopos de atuação da construção, em (18), escopo oracional, e em (19), escopo nominal, como se observa nos próximos dados.

(18) *“A família passou por diversos médicos e exames, até que um geneticista explicou que havia suspeita de AME. “Eu não queria acreditar. **Pelo que o médico falou**, minha filha podia morrer a qualquer momento”, diz Neicy. Dois meses depois, Helena teve uma parada cardiorrespiratória em casa. “Ela ficou roxa. Achei que ela não ia passar dali, mas consegui socorrê-la e levá-la ao hospital”, diz Neicy”*. (edição 433/nov. 2021)

Em (18), a construção opera com escopo oracional, introduzindo um segmento proposicional completo (“minha filha podia morrer a qualquer momento”). A construção estabelece, antes, uma relação de inferência mediada, uma vez que o conteúdo proposicional é apresentado como uma conclusão derivada da interpretação do enunciador a partir de uma fala anterior (“o que o médico falou”), e não como reprodução fiel dessa fala. Além disso, a presença do verbo de elocução (“falou”), subordinado à construção, contribui para a ativação de um domínio reportativo. A presença do verbo “falar” é típica da construção conformativa evidencial reportativa, conforme já demonstrado em Oliveira (2018, 2023) e Santos (2018).

Assim como vimos no exemplo (18), a construção [Pelo que X] ocupa uma posição limítrofe na rede construcional evidencial do PB, articulando traços tanto da evidencialidade reportativa quanto da inferencial. Embora a informação seja ancorada em

um evento comunicativo prévio, o conteúdo proposicional não é apresentado como discurso diretamente atribuível à fonte, mas como resultado de uma interpretação do enunciador. Essa configuração produz uma ambiguidade funcional, na qual a responsabilidade epistêmica é parcialmente compartilhada entre a fonte mencionada e o próprio falante.

Em (19), observa-se a ocorrência de [Pelo X], instanciada em “pelas novas regras”, com escopo nominal. Trata-se de um conectivo variável, bastante composicional, haja vista o feminino plural que assume no enunciado. Diferentemente da configuração [Pelo que X], essa construção não introduz um segmento proposicional, mas atua como marcador de enquadramento normativo, ao ancorar o conteúdo do enunciado em um conjunto de diretrizes institucionais previamente estabelecidas.

(19) “*Basta marcar a consulta e enviar seus exames para obter um diagnóstico de ponta. **Pelas novas regras**, que entraram em vigor com a pandemia de coronavírus (e serão revistas quando ela terminar), o CFM só permite que o médico exerça a telemedicina dentro de sua área de registro, ou seja, o Estado em que está cadastrado.*”. (edição 417/jul. 2020)

Trata-se, antes, de um caso de evidencialidade indireta que, ao funcionar como um articulador delimitador de domínio, a construção angula o discurso e introduz no texto não o conteúdo reportado em si, mas a inferência construída a partir de uma ideia reportada. Assim, a evidencialidade em jogo não é de reportatividade estrita, mas configura-se como evidencialidade inferida, fundada em conhecimentos socialmente compartilhados.

A discussão aqui proposta, por meio da análise sincrônica e qualitativa de dados extraídos da revista *Superinteressante*, permitiu mostrar como dois subesquemas da conformidade, um de funcionamento intraoracional e outro de funcionamento interoracional, contribuem para a indicação da fonte da informação em texto escrito na modalidade mais formal.

Os dados analisados evidenciaram que as construções conformativas não desempenham função evidencial de maneira equivalente, uma vez que não se restringem a determinado tipo de evidencialidade. Flagramos as construções conformativas servindo à instanciação não só de evidencialidade do tipo reportativa, o que já era esperado, em razão da natureza dos elementos que compõem a construção, mas também dos tipos

inferencial e perceptiva, esta em contexto não convencional, em diferente perspetivação de postulados Hengeveld e Hattner (2015).

Considerações Finais

Neste artigo, partimos do pressuposto de que as construções conformativas no PB não constituem um domínio funcional homogêneo, podendo operar em níveis distintos da organização linguístico-discursiva. Com base nessa distinção, propusemos que, quando a construção conformativa incide diretamente sobre o segmento a que se liga, modificando-o no plano sintático-semântico, ela desempenha uma função de conformidade circunstancial, integrando o conteúdo proposicional da oração e introduzindo parâmetros ou critérios internos ao evento descrito. Em contrapartida, quando a construção não altera o conteúdo sintático-semântico da proposição, mas atua como comentário sobre o enunciado, defendemos que ela opera no plano pragmático-discursivo, configurando-se como conformidade evidencial, com escopo mais amplo e caráter marcadamente (inter)subjetivo.

A análise dos dados retirados da revista *Superinteressante* confirmou essa distinção funcional, evidenciando que apenas as construções conformativas que atuam como modificadores pragmáticos, isto é, aquelas que instauram uma ancoragem enunciativa externa e pressupõem a coexistência de dois atos de fala ou dois pontos de vista, integram, de modo sistemático, o conjunto de estratégias de marcação da evidencialidade no PB. Por sua vez, as construções de conformidade circunstancial não expressam evidencialidade, uma vez que não introduzem fonte de saber nem promovem angulação do discurso, limitando-se à organização interna do evento descrito.

A hipótese inicial deste estudo postulava que as construções conformativas desempenhariam função evidencial exclusivamente no domínio da evidencialidade reportativa, uma vez que a conformidade evidencial envolve, prototipicamente, a atribuição explícita ou implícita de um conteúdo a um saber externo ao enunciador. Os resultados obtidos, contudo, indicam um quadro mais complexo. Embora a evidencialidade reportativa apresenta-se como o valor mais recorrente e mais transparentemente associado às construções conformativas analisadas, os dados revelam que essas construções podem licenciar outros valores evidenciais, a depender do subesquema mobilizado e dos elementos que integram a construção.

Observamos, em particular, que, quando a construção conformativa atua como articulador delimitador de domínio, a angulação discursiva por ela promovida pode favorecer leituras de evidencialidade inferencial, na medida em que um conteúdo reportado funciona como base para a inferência de uma proposição subsequente. Além disso, o tipo de verbo presente na microconstrução, sobretudo verbos *dicendi* menos prototípicos ou verbos de cognição, pode conduzir a interpretações evidenciais inferidas a partir do discurso reportado, deslocando o foco da simples atribuição de fonte para operações discursivas mais complexas.

Outro resultado relevante diz respeito ao papel da intersubjetividade. Em construções nas quais há compartilhamento explícito da responsabilidade enunciativa com o interlocutor, frequentemente por meio de verbos de percepção ou cognição, observamos a emergência de leituras de evidencialidade perceptiva, não atribuídas diretamente ao enunciador, mas projetadas para o leitor. Nesses casos, a fonte da informação é construída discursivamente a partir da experiência pressuposta do interlocutor, o que amplia o escopo evidencial dessas construções sem comprometer sua base conformativa.

Não foram identificados, entretanto, casos em que se pudesse reconhecer de forma inequívoca a evidencialidade dedutiva, nos termos estritos propostos por Hengeveld e Hattner (2015). Isso sugere que esse tipo evidencial não é sistematicamente licenciado pelas construções conformativas investigadas ou demanda condições discursivas específicas não contempladas pelo corpus.

Por fim, este estudo reforça a pertinência de uma abordagem construcionista baseada no uso para a descrição da evidencialidade no PB, ao constatar que os valores evidenciais emergem de forma gradiente e distribuída em redes de construções, organizadas em esquemas, subesquemas e microconstruções. Investigações futuras, sobretudo de natureza quantitativa e comparativa, poderão aprofundar o mapeamento da produtividade e da distribuição desses padrões em outros gêneros e modalidades, contribuindo para uma compreensão mais ampla do papel das construções conformativas no *continuum* léxico-gramatical da evidencialidade.

Referências

AIKHENVALD, Alexandra Y. *Evidentiality*. Oxford University Press, 2004.

ALVAREZ, Rebeca Emerich. “Quer ver” como fica a análise dessa construção: futuridade, modalidade e evidencialidade em jogo. 123 F. Dissertação (Mestrado em estudos linguísticos) - Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2023.

BARÐDAL, Jóhanna. *Predicting the productivity of argument structure constructions. Proceedings of the 32nd Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, vol. 32, p. 467-478, 2006. Disponível em: <https://journals.linguisticsociety.org/proceedings/index.php/BLS/article/view/3438/3183>. Acesso em: 26 jan. 2026.

BARRETO, Therezinha Maria Mello. *Gramaticalização das Conjunções na História do Português*. 1999. 2v. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.

BASE. In: Dicionário On-Line Caldas Aulete. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2026. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/base>. Acesso em: 28 jan. 2026.

CARIOCA, Claudia Ramos. A motivação metafórica do marcador evidencial de acordo com. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 41, n. 70, p. 101-109, jan./jun. 2016.

CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina. *Evidencialidade e gramaticalização no português do Brasil: os usos da expressão diz que*. Araraquara: Universidade Estadual Paulista, tese, 2001.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2017. 2. reimp.

DIESSEL, Holger. *The Constructicon: Taxonomies and Networks*. (Cambridge Elements). Cambridge: Cambridge University Press, 2023.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. *Gramaticalização, modalidade epstêmica e evidencialidade: um estudo de caso no português do Brasil*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2003.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. Gramaticalização de construções com o verbo “parecer” no português brasileiro: de verbo pleno a satélite atitudinal. *Veredas, Revista de Estudos Linguísticos*, 8(1/2), 2004. p. 195-214.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at work*. Oxford: Oxford University Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização Press, 2006.

GOLDBERG, A. E. Constructionists Approaches. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (Eds.) *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, p. 15-31, 2013.

GOLDBERG, A. E. *Explain Me This: Creativity, Competition, and the Partial Productivity of Constructions*. Princeton, Oxford: Princeton University Press, 2019.

GUENTCHEVA, Zlatka. Manifestations de la catégorie du médiatif dans les temps du français. *Langue française*, 102, 8-23, 1994.

GIVÓN, Talmy. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing, 1995.

HALLIDAY, Michael; MATTHIESSEN, Christian. *An Introduction to Functional Grammar*. 3. ed. New York: Oxford University Press, 2004.

HASSLER, Gerda. Marcadores de evidencialidade no português do Brasil. *Confluência*. Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, especial 30 anos, p. 148-177, junho 2021.

HATTNER, Marize Mattos Dall’Aglío. A expressão lexical da evidencialidade: reflexões sobre a dedução e a percepção de evento. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 8, n. esp., p. 98-111, set. 2018.

HATTNER, Marize Mattos Dall’Aglío. Uma investigação funcionalista da modalidade epistêmica. In: NEVES, M. H. M. (Org.). *Descrição do português: definindo rumos de pesquisa*. Araraquara, São Paulo: FCL/Unesp, Cultura Acadêmica, 2001. (Série Trilhas Linguísticas, 1). p. 103-144.

HENGEVELD, Kees; HATTNER, Marize Mattos Dall’Aglío. Four types of evidentiality. *Linguistics*, v. 53, p. 479-524, 2015.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Escrever e Argumentar*. 2 reimpr. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

LEHMANN, Christian. Complex prepositions from Latin to Castilian. *Societas Linguistica Europea*, 2016.

LIMA, José Pinto. Speech act verbs and the coding of evidentiality in Portuguese. In: DIEWALD, Gabriele; SMIRNOVA, Elena (eds.). *Modalität und Evidentialität/Modality and Evidentiality* (pp. 11-33). Trier: Wissenschaftlicher Verlag, 2011.

MÉLAC, Eric; LECLERCQ, Pascale. Introduction: the functions of evidentiality. *Functions of Language*, May, 2024. s. l. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/380947533_The_functions_of_evidentiality. Acesso em: 26 jan. 2026.

MIRANDA, Amanda Freiberger. A expressão da evidencialidade reportativa e da evidencialidade citativa na língua portuguesa. *Estudos Linguísticos* (São Paulo. 1978), v. 49, n. 3, p. 1511-1528, dez. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v49i3.2641>

OLIVEIRA, Mariangela Rios de. Sintaxe do português em perspectiva construcional: propriedades e desafios. *Estudos Linguísticos* (São Paulo), v. 48, n. 1, p. 465-483, 2019.

OLIVEIRA, Myllena Paiva Pinto de. *Funções semântico-pragmáticas das construções conformativas oracionais: uma análise centrada no uso*. 2018. 120 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

OLIVEIRA, Myllena Paiva Pinto de. *A expressão da conformidade no português do Brasil: uma análise centrada no uso*. 270 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Niterói, 2023.

SANTOS, C. B. F.; WIEDEMER, Marcos Luiz. O papel das preposições complexas na progressão textual. *Cadernos do CNLF*, v. XXVII, n. 03, *Anais do XXVII CNLF*, Textos Completos, Tomo I, 2024, p. 202-218.

SANTOS, C. L. C. *A construcionalização de segundo, conforme e pelo que*. 2018. 169 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

SILVA, V. H. S. *A expressão lexical da dedução e da inferência em língua portuguesa: uma análise discursivo-funcional*. 2020. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2020.

SCHEIBMAN, Joanne. Local patterns of subjectivity in person and verb type in American English conversation. In: BYBEE, Joan; HOPPER, Paul. (ed.). *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Philadelphia: John Benjamins North America, 2001.

SOARES, Augusto. Evidencialidade/mediatividade, modalidade epistémica e (inter)subjectividade. *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, n. especial, vol. 1, P. 263-294, 2022.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. (Inter)subjectivity and (Inter)subjectification: a reassessment. In: DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; CUYCKENS, H. (ed.). *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2010. (Topics in English Linguistics, 66). Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/284288857_Intersubjectivity_and_intersubjectification_A_reassessment. Acesso em: 30 set. 2020.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs.; DASHER, Richard. *Regularity in Semantic Change*. New York: Cambridge University Press, 2002.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs.; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VENDRAME-FERRARI, Valéria. Orações complexas com verbos de percepção como forma de expressão de evidencialidade. *Revista Estudos Linguísticos*, São Paulo, 41 (1): p. 101-115, jan-abr 2012.

WIEDEMER, Marcos Luiz; ALVAREZ, Rebeca Emerich. Interpretações em curto-circuito e camadas de significado modal na construção “quer ver”. *Estudos da Língua(gem)*, v. 23, n. 1, 2025, p. 1-31. DOI: <https://www.doi.org/10.22481/el.v23i1.18348>

WIEDEMER, Marcos Luiz; OLIVEIRA, Myllena Paiva Pinto de. O estatuto categorial das preposições acidentais/atípicas: a proposição dos “relatores circunstanciais” como classe gramatical. *Confluência*, Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, n. 59, p. 105–138, 2020. DOI: 10.18364/rc.v1i59.363.